

UMA GENEALOGIA DOS CONCEITOS NA TEORIA DA COMUNICAÇÃO: ESBOÇO DE UM PANORAMA

A GENEALOGY OF CONCEPTS IN COMMUNICATION THEORY: THE
OUTLINE OF AN OVERVIEW

*UNA GENEALOGÍA DE LOS CONCEPTOS EN LAS TEORÍAS DE LA
COMUNICACIÓN EN BRASIL: ESBOZO DE UN PANORAMA*

Luís Mauro Sá Martino

■ Professor do Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Autor, entre outros, dos Teoria da Comunicação (2009), Comunicação e Identidade (2010) e Teoria das Mídias Digitais (2014).

■ E-mail: imsamartino@gmail.com.



RESUMO

Este texto retoma e desenvolve pesquisas anteriores sobre a genealogia dos conceitos nas Teorias da Comunicação. Foram examinados 43 livros sobre o tema publicados entre 1969 e 2016. A partir desse corpus, identificaram-se doze “Teorias da Comunicação” definidas, estudadas a partir de 133 aportes diferentes por 188 autores. Observou-se a um cânone restrito cercado por uma plethora de teorias. Esses dados são discutidos em três perspectivas: (a) o desenvolvimento histórico do cânone; (b) a apropriação de “teorias” na comunicação”; e (c) as articulações das teorias nas pesquisas contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVE: TEORIAS DA COMUNICAÇÃO; EPISTEMOLOGIA; CONCEITOS; CAMPO DA COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

This text restarts and develops former researches on the genealogy of concepts in the Communication Theories. The article examined the content of 43 books on the subject, published between 1969 and 2016. Based on that corpus, twelve “Communication Theories” were identified, considered from 133 different approaches by 188 authors. A minor cannon surrounded by a plethora of theories was observed. Those findings are discussed from three perspectives: (a) the historical aspects that led to the cannon; (b) what makes a “theory in communication” and (c) the uses of the theories in current research.

KEYWORDS: COMMUNICATION THEORIES; EPISTEMOLOGY; CONCEPTS; COMMUNICATION FIELD.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una investigación, que continua estudios anteriores sobre las Teorías de la Comunicación. Se examinaron 43 libros publicados entre 1969 y 2016, destacando cuál el conocimiento se define como “Teoría de la Comunicación”. Se identificaron 12 teorías, estudiadas desde 133 perspectivas por 188 autores. Observase la formación de un canon rodeado por una gran cantidad de teorías. Estos resultados se discuten desde tres perspectivas: (a) el desarrollo histórico del canon; (B) la apropiación de “teorías” en la comunicación y (c) las articulaciones de las teorías en la investigación contemporánea.

PALABRAS-CLAVE: TEORÍA DE LA COMUNICACIÓN; EPISTEMOLOGÍA; CONCEPTOS; CAMPO DE LA COMUNICACIÓN.



1. Introdução

O convite¹ na origem deste texto é desenhar um “Panorama das Teorias da Comunicação no Brasil. A partir de pesquisas anteriores (L. C. Martino, 2001; 2003; 2006; L. M. Martino, 2008; 2009), é feito um delineamento crítico do saber comunicacional tal como apresentados nos quarenta e três livros intitulados “Teorias da Comunicação” publicados no Brasil entre 1969 e 2016. Longe de dizer “o que é Teoria da Comunicação” dentro de uma perspectiva normativa ou essencialista, busca-se observar como essa ideia se traduz, na prática de pesquisa, a partir das articulações da noção, suas razões, potenciais e limites, no sentido em que Gomes (2003) apontava a presença de “estranhos discursos” na Área de Comunicação, ou que Sodré (2013) falava da Comunicação como um “campo em apuros teóricos”.

A pergunta-chave que orienta este texto se refere ao que vem sendo chamado de “Teoria da Comunicação” nos estudos brasileiros a partir desse corpus, indagando quais saberes são agrupados sob esse título. Por que essas teorias são “da Comunicação?” Essa questão orienta pesquisas desenvolvidas em diversos espaços, por várias pesquisadoras e pesquisadores (França, 2001; 2014; L. C. Martino, 2001; 2003; 2005; 2006; L. M. S. Martino, 2008; 2014; 2015).

A premissa, desenhada a partir da indicação de Gohn (1981) sobre as Ciências Sociais, é que o entendimento de “Teoria da Comunicação” precisa ser feito a partir da relação dialética entre elementos teóricos e conceituais organizados em um cânone e sua objetivação em situações concretas de ensino e pesquisa, nas quais esses conceitos são acionados para a compreensão de determinados aspectos da realidade.

¹ Este texto foi parcialmente utilizado como base da Aula Magna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da ECA-USP, proferida dia 19 de abril de 2017. Não se trata do texto lido na ocasião, mas da pesquisa a partir da qual foi elaborada a fala daquele momento. O autor agradece o Prof. Dr. Eneus Trindade (USP), pelo convite.

Um problema de definição metodológica deve ser tratado de início. Ao se falar de “Teoria da Comunicação”, do que exatamente estamos falando? Em sentido estrito, trata-se de uma área do conhecimento e uma disciplina universitária.

Como área de conhecimento, o nome se refere a um conjunto de conhecimentos nos estudos de Comunicação chamado “Teoria da Comunicação”, responsável por reunir conceitos, teorias e ideias para a compreensão dos fenômenos comunicacionais. Como disciplina acadêmica, está geralmente nos primeiros anos dos cursos de graduação em Comunicação. Junto com Sociologia, Filosofia e Antropologia, entre outras, forma a “parte teórica”, em oposição às “matérias práticas” dos cursos, quasesempre voltados a formar profissionais.

Em sentido amplo, na medida em que em toda pesquisa são convocadas autoras e autores, conceitos e teorias, para formar “referencial teórico” do trabalho, a “parte teórica” de uma pesquisa em Comunicação seria “Teoria da Comunicação”. Traçar um quadro que incluisse os sentidos estritos e amplo da palavra, ultrapassa o foco deste texto – e, de certa forma, seria muito difícil de delimitar em termos metodológicos.

Na delimitação de um recorte metodológico que permita observar a medida da “dispersão”, indicada por Braga (2010), como problema em relação a uma “diversidade” necessária e bem-vinda, indicada também por Sanchez e Campos (2009), são consideradas “Teorias da Comunicação” os saberes organizados no conjunto de teorias apresentadas – portanto, os aportes especificamente agrupados como “teorias” – em 17 dos 43 livros publicados sob esse nome.

O estudo se desdobra em três momentos: (a) as condições de formação de um “cânone”; (b) suas características epistemológicas principais e (c) seus limites e potencialidades metodológicas.



Vale uma ressalva inicial.

Como recorda Foucault (2007), a divisão do saber em “disciplinas” significa a regulação do conhecimento em áreas de luminosidade e sombra. Uma “disciplina” se constitui, no jogo com as palavras, a partir da “disciplinarização” de determinados saberes tornados canônicos, a partir dos quais se pensa, dentro dos quais se pensa. Esses recortes das disciplinas ficam visíveis, entre outros espaços, nos livros ou programas de ensino nos quais são apresentados.

Não só aos olhos do leigo ou do iniciante, mas também para o especialista, livros-texto e as “matérias” universitárias sobre um assunto são o contato com “o” saber de uma disciplina. Para alunas e alunos de cursos de Comunicação, assim como para pesquisadoras e pesquisadores da Área, os conhecimentos apresentados nas disciplinas ou livros são “a” Teoria da Comunicação. Daí a escolha, feita em outros momentos também (L. C. Martino, 2006; 2007; L. M. Martino, 2008; 2009; 2014), pela observação dos discursos teóricos objetivados nos livros.

O objetivo não é fazer uma “história” das teorias, mas observar elementos, ainda que fragmentários, presentes na formação de uma genealogia.

A publicação desses livros, como visto, se espalha ao redor de quase cinquenta anos a partir de 1969, e nada indica que outras publicações com esse título não possam surgir. Nesse período de tempo, o conteúdo dos livros de Teoria da Comunicação mudou substancialmente, e, a partir dessas mudanças, é possível acompanhar as transformações do conceito de “Comunicação”.

Esses livros contam a história da formação de um cânone central de teorias que, a partir de 1997, passam a se repetir em vários livros, cercado por um conjunto vasto, disperso e multiforme de outros conceitos apresentados, de maneira mais ou menos episódica, como “Teoria da Comunicação”.

Há, nesse sentido, uma pergunta a esse “cor-

pus” bibliográfico: o que está sendo veiculado com esse nome? Ao se assinalar a existência de 43 livros sobre o mesmo assunto, o que significa esse volume? O que nos dizem sobre o “estado da arte” da Área, suas fronteiras e possibilidades? Em outras palavras, o que quarenta e três livros de Teoria da Comunicação nos dizem sobre Comunicação?

2. Da dispersão absoluta ao cânone relativo

Ao que tudo indica, o ano de 1969 viu a publicação dos dois primeiros livros de Teoria da Comunicação no Brasil. Eram “Teoria Social da Comunicação”, de Jacob Pinheiro Goldenberg (1969), e “Teoria Geral da Comunicação Coletiva”, de Sérgio Vellozo (1969). Foi também o ano da primeira diretriz regulamentando os cursos de Comunicação Social, recorda Lima (1983). Os dois eventos parecem ser, mais do que coincidência, um sinal da preocupação crescente com as dimensões institucionais e epistemológicas da Comunicação (Martino, 2014).

Entre parênteses, assinale-se que o primeiro livro a tratar de “Teoria da Comunicação” (mas equivalente o nome com “Teoria da Informação” e trabalhando a partir da Semiótica) é “Informação. Linguagem. Comunicação”, de Décio Pignatari (1967).

A partir daí, nos cinquenta anos seguintes, outros quarenta e um títulos foram publicados. Um olhar sobre os títulos sugere, a princípio, uma unidade: todos falam de “Teoria da Comunicação”, conhecimentos para interpretar o fenômeno da Comunicação. No entanto, basta abrir os volumes para observar uma surpreendente diversidade de conteúdos abrangidos sob esse nome.

Há, em primeiro lugar, mudanças fundamentais no conteúdo dos livros ao longo dos anos. Embora sejam chamados de “Teoria da Comunicação”, “Fundamentos Científicos da Comunicação” ou ainda títulos semelhantes, os livros publicados até 1997 não trabalham com “Esco-



las Teóricas”. Suas perspectivas e abordagens dos fenômenos midiáticos e comunicacionais – não há clara distinção entre ambos – vão da Biologia à Sociologia.

Essa fase inicial da “Teoria da Comunicação” parece trabalhar a teoria a partir da interpretação de objetos empíricos, não como construções epistemológicas. A dimensão do que significa “Teoria da Comunicação”, nos livros desse período, parece ser definida exclusivamente pelas demandas enfrentadas pelo autor da obra.

Parte delas foi escrita como manuais para o ensino dessa disciplina nos Cursos de Comunicação, e a diversidade de temas abordados neles permite ter uma ideia do grau de variedade do que era ensinado – não surpreende que, desde o início, o ensino universitário de Teoria da Comunicação seja objeto de críticas que se prolongam até hoje (Noetti, 1972; Lima, 1983; Baptista, 2003; L. M. Martino, 2015).

Isso não significa que, a par do material apresentado nos livros, outras correntes de pensamento não estivessem em circulação na Área de Comunicação. Os anos 1970 veem a publicação, no Brasil, de alguns dos principais trabalhos de Adorno e Horkheimer, Benjamin, Barthes, Morin, Eco e Metz, entre outros, dedicados ao estudo da Comunicação nas coletâneas como Lima (1969) e Cohn (1971).

Ao mesmo tempo, revistas acadêmicas da época, como a Revista Civilização Brasileira (responsável por trazer autores como Lukacs, Benjamin, Canclini) e a Revista Tempo Brasileiro (uma das introdutoras de Habermas e Foucault), colaboram em perspectiva política com o debate sobre Comunicação no Brasil. A título de exemplo, o conhecido texto de Benjamin (1969) sobre “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” foi publicado na revista Civilização Brasileira em 1969, décadas antes de se tornar “Teoria da Comunicação”.

Esses autores, embora tratem do tema “Comunicação” ou “Cultura de Massa”, aparentemente não eram considerados “Teoria da Comunicação”. Em termos epistemológicos, esse termo não designava um conjunto de “teorias” ou “escolas teóricas”, mas, sobretudo, aportes e abordagens para definir um campo oscilando entre concepções distantes do que vinha a ser “Comunicação” ou as “Teorias” a seu respeito.

Outro ponto é a origem geográfica dos livros. Nos anos 1970-1980, nota-se a presença de autores norte-americanos, como Dance (1973), Mortensen (1980) e Littlejohn (1973), disputando espaço com uma bibliografia brasileira que começava a se desenvolver paralelamente aos então recém-criados cursos de Comunicação. A presença de autores estrangeiros se revelará uma constante dentro das Teorias da Comunicação, aos quais se somará, nas décadas seguintes, livros de Mauro Wolf (1994), em tradução de Portugal, e, mais tarde, Mattelart e Mattelart (1999).

Finalmente, um intervalo entre “teoria” e “pesquisa”. O material apresentado como “Teoria da Comunicação” não parecia se articular com as pesquisas desenvolvidas na Área. Havia um hiato entre teoria e pesquisa: o que era definido como “Teoria da Comunicação” e o que era empregado, nas pesquisas, como “Teoria da Comunicação”.

Uma pessoa que procurasse, em 1990, entender o que era “Teoria da Comunicação” a partir dos livros com esse título, portanto, teria à sua disposição um conjunto díspare de proposições sobre fenômenos igualmente diverso. E não encontraria, paradoxalmente, os autores e autoras que, na época, já estavam plenamente articulados com os estudos de Comunicação.

Havia tentativas, no entanto, de uma visão compreensiva da Área. Venício A. De Lima (1983), em um texto sobre as Teorias da Comunicação, apresenta como um dos itens um



quadro das principais teorias e conceitos em circulação, assinalando a presença do Funcionalismo, Escolas de Frankfurt, Semiótica / Teoria da Informação, Estudos Culturais. Lima assinala que cada uma dessas abordagens tem seu próprio conceito de “comunicação”, definido a partir de premissas diferentes, pontos de vista distintos, com objetivos políticos e epistemológicos variados. Esse modelo das “Teorias da Comunicação” denominadas a partir de “escolas” e autores se torna predominante na produção nacional. Cada novo livro trará sua própria seleção de teorias, agrupadas a partir de classificações diversas, mas seguindo, em boa medida, os modelos já apresentados no texto de Lima. Observando as inclusões e omissões de cada um desses livros, forma-se um panorama mais ou menos delineado do que se entende por “Teorias da Comunicação” no Brasil.

É importante assinalar que, ao lado do crescimento numérico dessas obras, dezessete até 2017, começam a aparecer também livros intitulados “Teorias da Comunicação” que, em vez de apresentar essas escolas, propõe uma discussão dos fundamentos epistemológicos das teorias apresentadas em seus correlatos. Nessa produção, destaca-se o trabalho de reflexão sobre a produção nacional, indício possível da maturidade da Área e do tema, que passa a se observar criticamente.

No entanto, ao que tudo indica, a mudança importante introduzida nesse momento dos estudos de Teoria da Comunicação é o estabelecimento de um modelo nuclear do cânone de teorias e escolas, modelo este que se torna “a” Teoria da Comunicação como se encontra na atualidade.

3. Um cânone multifacetado

A partir daqui é possível endereçar questionamentos ao objeto de estudos deste texto, as teorias apresentadas nos livros nacionais divididos por escolas, delineando, a partir de suas

presenças e exclusões, o pensamento teórico em circulação na Área.

Em uma observação quantitativa inicial, é possível notar algo já indicado em pesquisas anteriores (Martino, 2008): o cânone da Teoria da Comunicação é formado de um pequeno núcleo de teorias cercado de uma imensa dispersão conceitual e metodológica.

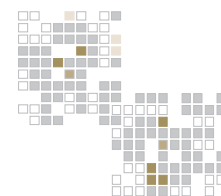
Tomando como ponto de partida os dezessete livros-texto que apresentam teorias e escolas teóricas, observa-se sete “teorias” estão presentes em mais da metade deles: “Pesquisas Norte-Americanas”, “Escola de Frankfurt”, “McLuhan”, “Escolas Francesas”, “Mediações”, “Estudos Culturais” e “Semiótica(s)”. Além disso, há problemas de organização, a começar pela divisão em “escolas” ou “teorias”.

Boa parte dos saberes agrupados nessas classificações raramente tiveram esse tipo de proximidade. Assim, o nome “Pesquisas Norte-Americanas” reúne, a partir de uma delimitação geográfica, autores, conceitos e ideias bastante díspares. Há consideráveis diferenças, por exemplo, entre as pesquisas de Lasswell – de longe, um dos campeões de citação – e Bateson ou Mead.

Um questionamento, aliás, sobre essa “escola”: não só é a mais citada, mas também a que comporta um maior número de abordagens: são trinta e três autores, conceitos ou teorias estudadas.

É possível perguntar o que justifica esse espaço, na medida em que as teorias “funcionalistas”, “administrativas” ou “norte-americanas” parecem raramente orientar pesquisas atuais na Área de Comunicação no Brasil. Evidentemente não se está questionando o ensino e debate dessas teorias, mas o grau de sua articulação metodológica – veremos isso adiante

A Escola de Frankfurt é a segunda mais citada do cânone, apropriada a partir dos conceitos de “Indústria Cultural”, “Aura”, e, em menor



escala, a “Ação Comunicativa”. No mesmo sentido, McLuhan, o autor individual mais citado, é apropriado no âmbito de discussões sobre os meios a partir de seus conceitos principais. Os problemas de classificação retornam quando pensadores franceses aparecem.

Reunidos às vezes sob o nome de “Escola Francesa”, “Paradigma culturoológico” ou espalhados na “Semiótica”, mostram algumas ambivalências do cânone. Isso não acontece, por outro lado, com os “Estudos Culturais” ou a “Teoria das Mediações”, últimas “teorias” citadas em mais da metade dos livros, desenvolvidas de maneira mais delimitada em torno de seus criadores.

Além dessas sete teorias, presentes em mais da metade dos livros, há outras quatro – Marxismo, Internet e Cibercultura e Estudos de Linguagem que se repetem em mais de um livro.

Para além dessa fronteira, há um ítem “outros”. São as teorias, autores e escolas citados apenas uma vez. Neste último grupo está a maior diversidade temática, com mais de sessenta assuntos, conceitos ou autores tematizados.

Outro problema taxonômico diz respeito à associação quase metonímica entre autores e teorias. Isso fica claro, por exemplo, quando um livro denomina “Teoria dos Meios” o que outro indica como “McLuhan”.

Nesse sentido, a observação dos autores – não há praticamente “autoras”, exceção feita à Annamaria Fadul e Elisabeth Noelle-Neuman – sugere um grau semelhante de dispersão: dos 114 autores presentes, 35 são citados mais de uma vez, e apenas McLuhan e Lasswell estão presentes, de maneira nominal e destacada, em mais de metade das obras.

Para além disso, como já indicava L. C. Martino (2006) em outro momento, um problema epistemológico no uso indiscriminado das palavras “teoria”, “conceito”, “modelo” e “paradigma” para se referir ao conhecimento apresentado. A

discussão propriamente epistemológica é rara.

Em linhas gerais, há um total de doze “Teorias da Comunicação” apresentadas como tal, desdobradas em 189 assuntos, conceitos e abordagens diferentes, desenvolvidos por 114 autores diferentes. Esse panorama de unidade tentativa, acompanhado de uma considerável diversidade, é o que se pode chamar de “Teoria da Comunicação”.

Estes elementos numéricos, no entanto, não podem ser levados pelo seu valor superficial, sendo expressões iniciais de um fenômeno. Cabe, portanto, questionar e tensionar esses dados para pensar, a partir das teorias, os desafios epistemológicos do pensamento em Comunicação.

Entre 1969, ano de publicação de “Teoria Social da Comunicação”, de Goldenberg, “Teoria da Comunicação Social”, de Vellozo, e 1986, com “Teoria da Comunicação: Ideologia e Utopia”, de Roberto Oliveira, apenas quatro títulos são publicados – além desses, um de Luiz Beltrão (1973) e Beltrão e Quirino (1986). Há um hiato de dez anos até a retomada do assunto, com “Tópicos de Teoria da Comunicação”, de Pedro Gilberto Gomes (1997).

A partir daí, no entanto, os anos seguintes observam um crescimento importante: entre 1997 e 2016 são publicados outros vinte e oito livros com esse nome, mais de um por ano, só de trabalhos brasileiros, fora os livros portugueses, com circulação mais ou menos restrita, de Wolf (1999) – não confundir com a edição brasileira que esse livro recebeu em 2012 – Sousa (2006) e Freixo (2007).

Seria possível questionar, observando essa mudança: quais fatores contribuíram para uma demanda acentuada dessa maneira? Qual a razão de tantos livros de “Teoria da Comunicação” nesses vinte anos?

As transformações da Comunicação, seja como prática cotidiana, seja como curso uni-



versitário de Graduação e Pós-Graduação demandam o recurso ao pensamento teórico, continuamente acionado para se pensar a Área. A expansão vertiginosa dos fenômenos comunicacionais-midiáticos podem ser apontada como um fator para esse interesse no estudo da Comunicação.

Outro elemento é a expansão do ensino superior na primeira década do século 21. Observa-se um intenso crescimento dos cursos de Comunicação, particularmente dos programas de pós-graduação, que saltam de 14, em 1996, para cerca de 50, em 2016. Essa mudança quantitativa parece estar relacionada, de maneira dialética, com algumas alterações qualitativas no estudo da Comunicação, sobretudo no sentido de procurar situar suas características centrais.

Isso permite articular esse crescimento numérico com as questões epistemológicas: diante do crescimento de cursos de Comunicação, torna-se necessário pensar continuamente o que significa, de fato, “estudar a Comunicação” e, como núcleo da questão, retomar uma vez mais a disciplina “Teoria da Comunicação” como espaço para essas discussões.

Como disciplina presente na graduação em Comunicação, “Teoria da Comunicação” parece igualmente ter crescido, como discurso em circulação no âmbito universitário, dentro dessa proporção. Isso instaura a necessidade, institucional, didática e pedagógica, de se “ensinar a teoria”, e, para isso, novos livros e abordagens parecem ser igualmente necessários (Sodré, 2008; Russi-Duarte, 2010).

4. Para além do cânone, o método

A origem das Teorias da Comunicação são, em boa medida, caudatárias de outras Ciências. É discutível se há teorias da Comunicação originais do campo da Comunicação. A definição da área é ainda calcada nas teorias que a es-

truturaram historicamente, e que, em alguma medida, continuam a fazer isso na atualidade.

Isso talvez ajude a compreender a dificuldade de definir os contornos da área e, ao mesmo tempo, às vezes parece nos forçar a uma busca apressada do empírico tecnológico mais recente para justificar nosso potencial interpretativo e nos legitimar como “ciência”.

Nenhum problema, a princípio, em relação a isso. A questão é verificar como isso acontece.

Aportes de outras ciências nem sempre podem ser cruzados com facilidade: Teorias da Comunicação vindas de matrizes da Psicologia Social ou da Sociologia requerem um bom “trabalho teórico” para serem articuladas e tensionadas com matrizes semióticas, na construção de novos objetos de conhecimento. No entanto, a Área de Comunicação não parece ter se interessado muito em propor esses cruzamentos, preferindo acolher os aportes teórico-metodológicos de outras Áreas do saber em sua forma original, articulando-os (“usando” ou “aplicando”) com objetos empíricos da “comunicação” – a mídia, em suas variadas formas. O “interdisciplinar”, nas teorias, nem sempre significa o trânsito de saberes, mas, muitas vezes, uma justaposição (L. M. Martino, 2016) – ver também L. C. Martino (2010) e Boaventura (2014).

Daí a observação de certa dificuldade de se fazer pesquisa a partir dessas teorias. No momento da pesquisa, quais teorias da Comunicação presentes no cânone são, de fato, operacionalizadas como maneira de construir um objeto, de articular técnicas de pesquisa ou de auxiliar na interpretação dos dados? Fazemos pesquisas a partir de McLuhan, das diversas correntes de pesquisa norte-americana, da Escola de Frankfurt? Para além dos rótulos, quais são as condições e possibilidades de articulação metodológica das Teorias da Comunicação? Qual seu potencial hermenêutico? Ecoando a



pergunta de Signates (2013), o que há de comunicacional nas Teorias da Comunicação?

A observação da gênese e da genealogia das teorias do cânone permitem, quando não forcem, essa leitura “midiática” das teorias da Comunicação.

Ao que tudo indica, afinal, foram mudanças no âmbito midiático que acionaram a elaboração do pensamento teórico em Comunicação tal qual é conhecido hoje. O surgimento dos meios de comunicação de massa despertou as reflexões de cientistas políticos, psicólogos sociais e sociólogos norte-americanos; sua crítica deu origem aos conceitos da Escola de Frankfurt; a cultura de massa foi objeto das análises semiológicas de Barthes e Eco, da investigação de Morin sobre o “espírito do tempo”, das (hoje raramente citadas) críticas de Althusser ou Marcuse, e de reflexões de Hoggart, Thompson e Hall, das considerações de Martin Barbero, Canclini e Orozco.

É possível tensionar a argumentação dos autores que apontam a insuficiência dessas teorias para dar conta dos objetos empíricos da comunicação no ambiente digital, uma vez que seu objeto de conhecimento parece estar paupado no espaço epistemológico das mídias tradicionais e, conseqüentemente, em um modo de pensar oriundo delas (Albuquerque, 2002; Trivinho, 2001; Felinto, 2011).

Isso não é, necessariamente, um problema. O aparecimento de um novo fenômeno é um desafio para qualquer teoria no sentido de apreendê-lo dentro de seus referenciais para interpretá-lo e compreendê-lo. Não é o aparecimento de um novo objeto empírico que revoluciona ou, mais ainda, que invalida as teorias de uma Área. Em termos epistemológicos, os objetos empíricos são desafios para o objeto de conhecimento de uma Área, não um sinal de sua incapacidade para dar conta da novidade (Ferrara, 2013).

Qual a razão do cânone, de certa maneira, não prosseguir na relação com o ambiente midiático contemporâneo? Se, ao longo de quase um século, as teorias seguiram de maneira quase direta os desenvolvimentos na tecnologia, linguagem e institucionalização dos meios de massa, quais seriam os desafios de interpretar os fenômenos comunicacionais contemporâneos?

No cotidiano das práticas de orientação, assim como em aulas de metodologia, é comum receber propostas de pesquisa interessadas em analisar a “influência da mídia no comportamento”, entendendo por “mídia” as redes sociais ou outros formatos do ambiente midiático. Isso sugere um modo de pensar a Comunicação, ou mesmo uma “episteme”, calcada nas pesquisas “funcionalistas”. Paradoxalmente, teorias que são costumeiramente um objeto de crítica nos livros e manuais da Área por enfatizarem uma relação de “mão única” no aspecto “emissor – mensagem – receptor”.

A velocidade de produção das pesquisas merece também um comentário. A pesquisadora ou pesquisador, premido pela necessidade de prazos e publicações, talvez não tenha o tempo necessário para a maturação de um pensamento teórico, reflexivo, que por suas próprias características demanda, justamente, tempo. A busca de respostas imediatas para questões tecno-midiáticas em uma sociedade hipermoderna, na qual o capital universitário é caudatário de outros, de fato pode não haver tempo para se pensar a Teoria da Comunicação além do rápido tecnocentrismo midiático.

5. Considerações finais

As Teorias da Comunicação apresentam uma considerável vitalidade acadêmica, igualada apenas pelas suas fragilidades – fonte de novos desafios para pensá-las em suas várias dimensões.



No primeiro aspecto, há uma contínua produção de obras intituladas “Teoria(s) da Comunicação”. Trabalhos recentes incluem os livros de Marcondes Filho (2016) e França e Simões (2017). O fato de dois textos autorais serem publicados em menos de seis meses sugere uma demanda pelo estudo das Teorias. A variedade de formatos, editoras e propostas pode ser entendido não apenas como um sintoma de vitalidade da Área, mas também de demanda por esse tipo de saber nos parâmetros de apropriação e articulação dessas obras.

Se, no folclore dos corredores e salas de professores – instâncias informais mas não menos importantes, de conhecimento – é possível encontrar certas conotações negativas em relação à “Teoria da Comunicação”, como anotam Baptista (2003), Bonin (2005) e França e Simões (2017), diante das matérias “práticas”, a extensão de publicações a respeito indica a importância e a necessidade de se trabalhar o tema: não existiriam quarenta e três livros de “Teoria da Comunicação” se o assunto fosse, de todo, deixado de lado.

Qual o potencial interpretativo e a relação das teorias com o objeto de conhecimento da Comunicação? Qual a operacionalização me-

todológica das teorias da Área? Como elas nos ajudam na constituição dos objetos e mesmo, em alguns casos, na escolha das técnicas de pesquisa? A teoria é presa do empírico (“agora todo mundo estuda a internet”) ou o desafia no movimento dialético da realidade? “Usamos” as Teorias da Comunicação para entender a Comunicação?

No limite da autocrítica, mas também do reconhecimento, é preciso dimensionar o que significa estudar Teoria da Comunicação hoje. A docente ou o pesquisador interessado em Teoria da Comunicação, a julgar pelo cânone, deverá lidar com doze escolas teóricas, 133 ramificações a partir de 188 autores. Isso, vale lembrar, porque o objeto deste texto foram apenas as teorias apresentadas como tal nos livros de Teoria da Comunicação. Um inventário de todas as “teorias” utilizadas em livros, artigos, teses e monografias como “referencial teórico” para pensar os objetos empíricos da Comunicação multiplicaria exponencialmente essa lista.

Mas não deixa de ser um convite, talvez um pretexto, para mergulhar ainda mais profundamente nessa temática.

A observar, compreender, transformar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*. Vol. IV, n.2, Dezembro 2002.

BENNET, T. Theories of media, theories of society? In: GUREVICH, G. *Culture, Society, and The Media*. Londres: Methuen, 1982.

BAPTISTA, M. L. C. Disciplinas Teóricas: de entulho de currículo a campo do desejo e autopoiesis. Trabalho apresentado no XXVI *Intercom*. Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. *Revista Conexão*. v. 4, n. 8, p.61-68, jul./dez. 2005.



- BRAGA, J. L. Constituição do Campo da Comunicação. In: VVAA. *Campo da Comunicação*. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.
- CALHOUN, C. Communication as social science. *International Journal of Communication*, n. 5, p.1479-1496, 2011.
- CRAIG, R. Communication Theory as a Field. *Communication Theory* 9 (2) May 1999. EPSTEIN, I. Um impasse curricular: Teoria da Comunicação. IN: MELO, J. M. *Ensino de Comunicação no Brasil: impasses e desafios*. São Paulo: Eca/Usf, 1987.
- FELINTO, E. Da Teoria da Comunicação às teorias da mídia. Texto apresentado no XX Encontro da Compós. Porto Alegre: UFRGS, Junho 2011.
- FERRARA, L. D'A. A comunicação: da epistemologia ao empírico. Trabalho apresentado no 23o. Encontro da Compós. Belém, Maio de 2014.
- FERREIRA, J. Campo acadêmico e epistemologia da comunicação. In: LEMOS, A. etalli (Orgs.) *Mídia.br*. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (Orgs.) *Estratégias e culturas da comunicação*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: Revisitando um texto. Palestra proferida no IV Seminário Teorias da Comunicação. Belo Horizonte, 21 a 25 de setembro, 2014.
- GOHN, M. G. A pesquisa nas Ciências Sociais – Considerações Metodológicas. *Cadernos Cedex*, no. 12. São Paulo: Cortez, 1981, pp.3-12.
- LIMA, V. A. Repensando as Teorias da Comunicação. In: MELO, J. M. (Org.) *Teoria e Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Intercom/Cortez, 1983.
- LIMA, V. A. *Mídia – Teoria e Política*. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In: FADUL, A. & MELO, J. M. *Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1978.
- LOPES, M. I. V. O campo da comunicação. *Famecos*, n. 30, p.16-30, ago.2006.
- MARCONDES FILHO, C. A Comunicação no sentido estrito e o Metáporo. Trabalho apresentado no 21o. Encontro da Compós. Juiz de Fora, junho 2012.
- MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. et alli. *A Comunicação Revisitada*. Porto Alegre, Sulina, 2005.
- MARTINO, L. C. Ceticismo e inteligibilidade do campo comunicacional. *Galáxia*, no. 5, vol. 1, Abril de 2003, p.53-67.
- MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: VVAA. *Campo da Comunicação*. João Pessoa, Editora da UFPB, 2001.
- MARTINO, L. C. Significado da Teoria em um Campo diversificado. Trabalho apresentado no IV Colóquio Brasil-EUA de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.
- MARTINO, L. C. *Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?* Coitia: Ateliê, 2007b.
- MARTINO, L. C. Uma questão prévia: Existem Teorias da Comunicação? *XXX Congresso da Intercom*. Santos – SP, 2007a.
- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. *Famecos*, no.38. Vol. 1, Junho-Agosto 2008, pp.36-53.
- MARTINO, L. M. S. O que foi teoria da Comunicação? Um estudo da bibliografia 1967-1986. *Revista Comunicação Midiática*. Vol. 6, no. 1, 2011, p.28-39.
- MARTINO, L. M. S. O diálogo entre fatores políticos e epistemológicos na formação do campo da comunicação no Brasil. *Folios*, vol. 28, p.159-175, 2012.
- MARTINO, L. M. S. Descontinuidades epistemológicas na Teoria da Comunicação: um estudo das taxonomias entre 1969 e 2011. *Logos*, v.22, p.105 - 120, 2015.

ROMANCINI, R. *O campo científico da Comunicação no Brasil*. São Paulo, Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes – USP, 2006.

RUSSI-DUARTE, P. Por que ensinar teorias (da comunicação)? Trabalho apresentado no XXXIII Intercom – UCS – 6 a 9 de setembro de 2010.

SÁNCHEZ, L.; CAMPOS, M. La Teoría de la comunicación: diversidad teórica y fundamentación epistemológica. *Dialogos de la Comunicación*. No. 78, Janeiro-Julio 2009, pp.24-38.

SANTAELLA, L. Teoria da Comunicação: considerações para o ensino. *Boletim Intercom*. no. 38, Ano 5, julho-agosto 1982, p.24-28.

SIGNATES, Luiz. O que é especificamente comunicacional nos estudos brasileiros de comunicação na atualidade. In: BRAGA, J. L.; GOMES, P.G.; FERREIRA, J.; FAUSTO NETO, A. *10 perguntas para produção do conhecimento em comunicação*. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

SODRÉ, M. Ensinar e Pesquisar. In: MOREIRA, S. V. e VIEIRA, J. P. D. *Comunicação: ensino e pesquisa*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

STREETER, T. For The Study of Communication and Against the Discipline of Communication. *Communication Theory*, 5(2), 1995, p.117-129.

Recebimento: 14/05/18
Aprovação: 26/06/18

